

Devotionalia e a violência no Rio de Janeiro

'Devotionalia' and the violence in Rio de Janeiro

RAFAEL PAGATINI*

Artigo completo submetido a 13 de janeiro e aprovado a 24 de janeiro de 2015.

*Artista Plástico, Mestre em Artes Visuais, graduação em Artes Plásticas.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Centro de Artes, Departamento de Artes Visuais. Av. Fernando Ferrari, 514 – Goiabeiras; Vitória – ES, Brasil; CEP 29075-910, Brasil. E-mail: rafael.pagatini@gmail.com

Resumo: O presente artigo analisa a obra Devotionalia dos artistas Maurício Dias e Walter Riedweg abordando a violência contra a criança e o adolescente moradores de rua na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo é apresentar uma argumentação da relação entre arte e alteridade a partir da forma como os artistas apresentam o problema social como experiência estética.

Palavras chave: Dias & Riedweg / Violência / Alteridade.

Abstract: This article analyzes the work Devotionalia from the artists Mauricio Dias and Walter Riedweg approaching the violence against homeless children and adolescents in the city of Rio de Janeiro. The objective is to present an argument of the relationship between art and otherness through the way the artists present the social problem as aesthetic experience.

Keywords: Dias & Riedweg / Violence / Otherness.

A pesquisa dos artistas Maurício Dias (1955) e Walter Riedweg (1964) tem como objetivo estudar a formação cultural do *outro* estabelecido como pequenos grupos ou microssistemas que constroem e habitam as cidades. Os artistas estudam os processos de construção da subjetividade fragmentada, além de suas próprias formas de interpretação e relações com o lugar e o entorno geográfico. Buscam revelar as múltiplas realidades socioculturais e os conflitos inerentes aos grupos e aos autores sociais, sem estigmatização, exotismo ou estereótipos. Através dessa metodologia de ação os artistas possibilitam

uma construção coletiva em que todos os envolvidos passam a ser colaboradores das obras.

No presente artigo será abordada a obra *Devotionalia* (Figura 1) que consiste em moldes em cera de pés e mãos de jovens e crianças moradores de rua do Rio de Janeiro para a criação de uma grande instalação. O projeto desenvolvido pelos artistas indica como metade dos meninos de rua participantes das ações perderam suas vidas vitimados por circunstâncias violentas. Dessa forma, a presente investigação tem como objetivo perceber como se estrutura a abordagem da violência na obra dos artistas, além do conceito de alteridade, através da produção colaborativa entre os artistas e os jovens moradores de rua.

Violência

A violência na estrutura social brasileira tem como fundo histórico a desigualdade social e a segregação urbana. Desde o processo de colonização, a concentração de renda e a desigualdade contribuíram para os constantes conflitos que possuem em seu núcleo rígidas fronteiras hierárquicas entre brancos – herdeiros do colonizador português, negros escravizados, homens livres destituídos de propriedades da terra e populações indígenas (Adorno, 2002). Segundo o sociólogo Sérgio Adorno a superação do problema passa por transformações profundas na sociedade, principalmente na concentração da riqueza e da precariedade da qualidade de vida em bairros periféricos. Dados apresentados pelo pesquisador indicam que esses locais possuem maior predisposição para desfechos violentos e conflitos sociais. Ademais, mesmo que nas últimas décadas o crescimento econômico tenha possibilitado acesso ao conforto e aos bens de consumo ainda permanecem restritos setores fundamentais para a cidadania, como educação, saúde e lazer.

A precariedade das condições sociais, segundo Adorno, influenciam os índices de homicídios, como exemplo, o autor cita os bairros nos quais ocorrem ocupações ilegais e que acabam carentes de serviços básicos de saneamento e instituições públicas. Dessa forma o pesquisador cria um elo entre a maior ocorrência de violência com a concentração da desigualdade. Para o autor o processo de criminalização do pobre, ou seja, uma espécie de patologia que relacionaria a pobreza com a violência e veria no crescimento econômico a erradicação do problema, não apresenta a solução da questão. A argumentação de Adorno, por sua vez, busca a superação dos conflitos na justiça social e não na economia.

Em uma sociedade como a brasileira, na qual não se universalizou o modelo contratual de organização societária, e não prevalece o reconhecimento do outro como

sujeito de direitos, no qual muitos se encontram a mercê de poucos, em que vige, sem interditos, acentuada assimetria no acesso aos recursos, bem como a sua distribuição, e a vida de muitos não tem o mesmo valor e significado da vida de alguns, somente pode ser instituída a “guerra de todos contra todos” como modo de funcionamento regular e normal. Daí que a violação de direitos humanos não seja menos escandalosa que a desigualdade social e o espectro de pobreza (Adorno, 2002:128).

A obra de Dias & Riedweg se relaciona com locais nos quais a injustiça e os processos de exclusão são profundamente latentes. Os artistas se aproximam desses contextos através da constatação de que as transformações da sociedade brasileira dependem da eliminação das raízes da violência estrutural no país. Além disso, todo o processo de colaboração na produção das proposições artísticas com o contexto local tenta apresentar a situação de violência e de preconceito nos quais os moradores rotineiramente são vitimados.

Outro ponto importante é a forma como a desigualdade afeta a criança e o jovem morador de rua no Brasil. Apenas no início dos anos 70, segundo Sérgio Adorno, com o aumento gradual da violência urbana nas grandes cidades, levou o comportamento coletivo e a opinião pública a perceberem a violência sofrida pelos menores ou por propensos atos criminais realizados por estes como problemas sociais (Adorno, 1999). O crescimento da urbanidade e o aumento da desigualdade acabam por promoverem uma relação problemática entre adolescentes de baixa renda oriundos principalmente de classes trabalhadoras com a criminalidade.

Segundo o geógrafo Jailson de Souza e Silva essa violência contra adolescentes e crianças no Rio de Janeiro encontra também seu fundamento não apenas na injustiça social, mas no processo de urbanização da cidade e suas divisões marcantes entre o asfalto e a favela. Jailson pontua como a crescente presença de jovens andando em bando ou mesmo utilizando a própria rua como moradia, levou a imprensa a partir dos anos 90 a apresentar essas crianças e adolescentes, que muitas vezes cometem atos violentos como forma para obter dinheiro para se alimentar ou a manter muitas vezes seus vícios em drogas, como criminosos. Taxados como potencialmente perigosos em uma cidade turística na qual seus próprios cidadãos não reconhecem esses moradores de rua como pertencentes a aquele meio urbano iniciou-se um movimento a exigir do estado ações punitivas com o objetivo de “resolver o problema”. A grande mídia acabou por reforçar os estereótipos do infrator ao taxá-los como uma ameaça a ordem social. Nesta conjuntura a criança e o adolescente infrator tornaram-se os criminosos e ao mesmo tempo as grandes vítimas da violência, como fica evidente nas altas taxas de mortalidade entre pobres, negros e morador da periferia.

Isso tem reflexo direto na forma como a polícia trata essas crianças e adolescentes, como demonstram os dramáticos episódios da chacina de Acari, Vigário Geral, Candelária e a mais recente, da Baixada Fluminense. Todas realizadas por integrantes das forças policiais, assim como tantas outras, diluídas no cotidiano do país. As mortes provocadas pela polícia, no Rio de Janeiro, cresceram mais de 300% de 1999 a 2003. A prática amplifica a espiral da violência e demonstra o descontrole da ação letal da polícia no estado. (Souza,s/data:99).

Devotionalia

O projeto *Devotionalia* consiste em uma série de ações que buscaram perceber como se estrutura a vivência, o desejo, marcas e memórias que os meninos de rua deixam na paisagem e principalmente como são vitimados pela violência no Rio de Janeiro. O trabalho iniciou em 1994 com um atelier móvel, no qual os artistas percorriam as ruas da cidade e produziam moldes em gesso das mãos e pés de mais de 600 crianças. Ao longo do projeto foram produzidas mais de 1200 ex-votos de reprodução de mãos e pés de crianças e adolescentes que viviam nas ruas da cidade. Cada criança que participava do projeto expressava durante a produção das formas de gesso um desejo que era documentado em vídeo pelos artistas que também gravaram as brincadeiras. O projeto teve a primeira exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1996 (Figura 1) e suscitou algumas polêmicas tais como a forma de colaboração, a obra de arte como produção individual e a estrutura da exposição (Velloso, 2002:40). Os moldes de cera produzidos a partir das formas de gesso foram expostos sobre uma pista de asfalto enquanto televisores apresentavam os vídeos das formas de gesso sendo produzidas e as crianças revelavam seus desejos.

Após um período de quase 10 anos os artistas reencontraram algumas dessas crianças e com o objetivo de retomar o projeto para uma nova exposição produziram um novo vídeo no qual gravaram conversas dos mesmos meninos contando como foram suas vidas ao longo desse período e de como se estruturavam agora seus desejos e anseios (Figura 2). As histórias contam como muitos dos participantes morreram vitimados por circunstâncias violentas. Os depoimentos revelam que metade do grupo de crianças do projeto já havia morrido, fato que é constatado pelos artistas em notícias de jornais nos quais suas mortes ganharam as manchetes. Os artistas incluíram na instalação o vídeo com os dois momentos, o da produção das formas de gesso e dos desejos até o depoimento no qual são narradas as mortes dos amigos e recortes do jornal indicando o testemunho da imprensa sobre os fatos.

Devotionalia estrutura-se como um ex-voto social e coletivo, uma troca que ao invés de ser com o divino é com a sociedade carioca, na qual o sacrifício



Figura 1 · Instalação *Devotionalia*. 2012. Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica. Fonte: Catálogo da exposição “Até que a Rua nos Separe” de Dias & Riedweg.
Figura 2 · Instalação *Devotionalia*. 1996. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Fonte: Catálogo da exposição “Até que a Rua nos Separe” de Dias & Riedweg.

desses jovens se materializa na perpetuação do problema social. Os pequenos pés e mãos presentes na exposição mais do que simples alegorias da ausência apresentam o genocídio silencioso acontecido na cidade. A produção dos ex-votos promove a relação com a prática muito popular no Brasil de oferecer um testemunho público de gratidão ao santo, especialmente por alguém que obteve uma graça ou milagre alcançado. No entanto, diferentemente do contexto religioso, os artistas criam ex-votos como testemunhos da ruína dos sonhos como da vida daqueles jovens. Catástrofe que se perpetua diariamente na realidade brasileira e que ainda está longe de ser superada. A não aceitação de uma parcela da sociedade da perda dessas vidas como ex-votos coletivos promove uma rejeição da realidade e do contexto local, o que acarreta uma relação tensa da sociedade consigo mesma.

Assim, Dias & Riedweg articulam o campo da estética em torno da perda, da violência, da injustiça e da morte. Apesar de ser comum observar crianças vendendo balas, doces e salgados no semáforo, auxiliando o motorista a estacionar o carro, engraxando sapatos, ou mesmo mendigando algum trocado, seja na paisagem carioca ou em qualquer grande cidade brasileira, esses jovens continuam a ser criminalizados quando na verdade são eles as grandes vítimas. Os artistas em *Devotionalia* apresentam uma rica reflexão e troca de olhares entre o público, o campo da arte e os participantes do projeto, mostrando possibilidade de aproximação e discussão com estratos marginalizados e excluídos da sociedade. Assim, como afirma Maurício Dias:

Toda a prática artística é em si um exercício de alteridade. O que diferencia a arte das outras formas de alteridade é que ela se utiliza do território da representação para sua inserção no mundo. Mas a representação, se vista como uma possível ressonância, é também uma mera ferramenta da alteridade. Hoje, mais que nunca, arte não é só saber o que dizer, mas saber onde fazê-lo ser dito. (Dias, 2012: 112)

Referências

- Adorno, Sérgio (2002) *Exclusão socioeconômica e violência urbana*. Sociologias. Porto Alegre, v. 4, n. 8 : 84-135, jul./dez.
- Adorno, Sérgio. (1999) *São Paulo em Perspectiva: O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana*. São Paulo Perspec. v.13 n.4, out./dez. São Paulo [Consult. 2015-01-13] Disponível em www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400007&script=sci_arttext
- Dias, Maurício. (2012). *Dias & Riedweg: Até que a rua nos separe*. Rio de Janeiro: Nau – Imago, Escritório de Arte, 320.
- Silva, Jailson de Souza, (S/d). *Violência nas comunidades e nas ruas: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro*. [Consult. 2015-01-13] Disponível em www.unicef.org/brazil/pt/Cap_05.pdf
- Velloso, Beatriz Pimenta. (2011). *Dias & Riedweg: alteridade e experiência estética na arte contemporânea brasileira*. Rio de Janeiro: Apicuri, 152.